



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Licenciatura de História

**Evolução do Lobolo no sul de Moçambique: estudo do caso da cidade de
Maputo (século XIX até à actualidade)**

Jéssica Horácio Mavila

Maputo, Julho de 2024



Evolução do Lobolo no sul de Moçambique: estudo do caso da cidade de Maputo (século XIX até à actualidade)

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em História.

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

DISCIPLINA: TRABALHO DE FIM DO CURSO

SUPERVISORES

(Doutor Paulo Lopes José)

(Mestre José Cláudio Mandlate)

Maputo, Julho de 2024

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, **Jéssica Horácio Mavila**, declaro por minha que esta monografia que submeto à Universidade Eduardo Mondlane como requisito parcial para o grau de licenciatura em História, nunca foi apresentado para obtenção de qualquer outro grau académico. Ela é o resultado da minha investigação pessoal, em simultâneo, com as orientações dos meus orientadores, a quem devo o meu apreço.

Maputo, Julho de 2024

Jéssica Horácio Mavila

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Horácio Souza Mavila e Hortência Elias Zandamela, aos meus tios Suzana e Sérgio Mavila, a minha prima Elsa Carlos Dimande e a sociedade moçambicana, em particular a da região sul do save onde o Lobolo é cultivado.



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que me encheu de amor, sabedoria, entendimento, paciência durante todo o percurso até alcançar este objectivo. Aos meus pais pelo apoio moral e material que puderam proporcionar-me e acima de tudo por terem acreditado nas minhas capacidades em vencer mais esta etapa do percurso académico.

O meu muito obrigado aos professores de departamento de História da UEM, em especial aos que fizeram parte deste trabalho, Dr. Paulo Lopes, Dr. Marlino Mubai, dr. José Cláudio Mandlate; pelos ensinamentos, dedicação, instrução e paciência na orientação deste trabalho, tendo desde o primeiro momento observado as minhas limitações e dificuldades; procurando de forma sabia fazer críticas e sugestões necessárias para que tivesse um trabalho de pesquisa completa.

A toda minha família pela compreensão, atenção e amor mesmo em inúmeros momentos de ausência, em especial a minha prima Elsa Ndimande, Elda Jossefane e Francisco Agostinho Tivana pela atenção, amor e suporte. Aos meus colegas da turma de História 2020, em especial Latifa Quissanga, pelo amor, amizade, companheirismo, força e convívio ao prestado nessa caminhada.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.** Mapa administrativa da cidade de Maputo.....14
- Figura 2:** Os bens oferecidos pela família Jossefane a família Zandamela.....43

LISTA DE ACRÓNIMOS

FRELIMO Frente de Libertação de Moçambique

OJM Organização de juventude de Moçambique

OMM Organização de Mulher Moçambicana

RENAMO Resistência Nacional de Moçambique

RESUMO

O Lobolo, enquanto cerimônia tradicional enraizada na região sul de Moçambique, estabelece um elo matrimonial por meio da permuta de dádivas, com o intuito de unir duas pessoas, desempenhando um papel de destaque nas práticas culturais e nas dinâmicas familiares locais, sobretudo na cidade de Maputo. Este estudo abarca a trajetória evolutiva do Lobolo desde o século XIX até os dias atuais, levando em consideração as influências históricas, sociais e jurídicas que moldaram essa prática ao longo do tempo. A abordagem interdisciplinar deste tema engloba elementos da história, antropologia, sociologia e direito, visando compreender as metamorfoses do Lobolo e sua contínua relevância na tessitura social moçambicana. Ao eleger Maputo como locus de estudo, esta pesquisa evidencia as transformações políticas, econômicas e as peculiaridades locais que impactaram a prática do Lobolo ao longo dos anos, contribuindo para uma apreensão mais profunda das tradições matrimoniais em contexto urbano.

Palavras-chave: Lobolo, organização social, Mulher.

ABSTRACT

Lobolo, as a traditional ceremony rooted in the southern region of Mozambique, establishes the marriage bond through the exchange of gifts, with the aim of uniting two people, playing a prominent role in cultural practices and local family dynamics, especially in the city of Maputo . This study covers the evolutionary trajectory of Lobolo from the 19th century to the present day, taking into account the historical, social and legal influences that have shaped this practice over time. The interdisciplinary approach to this topic encompasses elements of history, anthropology, sociology and law, aiming to understand Lobolo's metamorphoses and his continued relevance in the Mozambican social fabric. By choosing Maputo as the locus of study, this research highlights the political and economic transformations and local peculiarities that have impacted the practice of Lobolo over the years, contributing to a deeper understanding of wedding traditions in an urban context.

Keywords: Lobolo, social organization, Women.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
LISTAS DE ILUSTRAÇÕES.....	iv
LISTA DE ACRÓNIMOS.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
CAPÍTULO I	10
1. Introdução.....	10
1.2. Problematização.....	12
1.3. Objectivos:.....	12
1.3.1. Geral.....	12
1.3.2. <i>Específicos</i>	12
1.4. Justificativa/ Relevância.....	13
1.5. Descrição Espacial.....	14
1.6. Revisão da literatura.....	15
1.7. Enquadramento teórico conceptual do Lobolo.....	21
1.7.1. Lobolo como meio na construção de identidade da Mulher e na Organização Social.....	22
1.7.2. Etapas e Mudanças históricas e cultural em torno do lobolo.....	23
1.8. Metodologia de pesquisa.....	25
1.8.1. Conceito de Método.....	25
1.8.2. Tipo de Estudo.....	25
1.8.3 Sujeito de Pesquisa.....	25
1.8.4. Técnica e instrumentos de recolha de dados.....	26
1.8.5. Plano de análise e tratamento de dados.....	26
1.8. 6 Considerações Éticas.....	26
CAPÍTULO II:	28
TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS DO LOBOLO NO CONTEXTO SUL E URBANO: MAPUTO	28
2.1. Tradições e Mudanças: O Lobolo no contexto cultural do Sul de Moçambique.....	28
2.2. Reflexos da independência na evolução do Lobolo no período de	

transição em Maputo (1974-1975).....	32
2.3. Modernidade e tradição: o lobolo Como reflexo das transformacoes em Maputo.....	32
2.3.1. Principais mudanças do lobolo em Maputo ao longo do tempo.....	35
CAPITULO III.....	36
MUDANÇAS LEGAIS EM TORNO DO LOBOLO NO PERÍODO PÓS-COLONIAL	36
3. Contexto histórico e mudanças legais em torno do lobolo em Moçambique pós-colonial.....	36
3.1. Mudanças políticas no âmbito das tradições: lobolo.....	39
CAPÍTULO IV.....	41
Formas do lobolo em Maputo.....	41
4. Análise das formas do Lobolo na contemporaneidade.....	41
4.1. O Lobolo do Cadáver no Âmbito da Sociedade.....	45
4.1.1. Lobolo de Cadáver e Razões da sua Exigência.....	49
CAPÍTULO V.....	51
5. Considerações Finais.....	51
CAPÍTULO VI.....	53
6. Referências Bibliográficas.....	53
6.1. Documentos primários.....	54
6.2. Anexos.....	55
6.2.1. Pessoas entrevistadas.....	55

CAPÍTULO I

1. Introdução

A evolução do lobolo no sul de Moçambique, com foco no estudo de caso da cidade de Maputo desde o século XIX até a atualidade, é um tema que suscita interesse acadêmico devido à sua relevância histórica, cultural e social. O lobolo, prática tradicional de troca de bens entre famílias como parte do processo matrimonial, tem desempenhado um papel fundamental na estruturação das relações familiares e comunitárias em diversas sociedades africanas, incluindo Moçambique. No contexto específico de Maputo, capital moçambicana e centro urbano em constante transformação, a análise da evolução do lobolo ao longo do tempo oferece informações valiosas sobre as mudanças nas dinâmicas familiares, s concepções de gênero e nas práticas matrimoniais em meio a processos como a colonização, a independência nacional e a globalização.

A presente monografia, propõe a explorar as complexidades e nuances envolvidas na adaptação e ressignificação do lobolo em Maputo ao longo dos séculos, contribuindo para uma compreensão mais profunda das interações entre tradição e modernidade, localidade e globalidade no contexto moçambicano contemporâneo. Como podemos ver, o termo "Lobolo" refere-se a um rito tradicional enraizado na região sul de Moçambique, caracterizado pela união conjugal por meio da troca de oferendas entre duas pessoas. Essa cerimônia engloba dois elementos essenciais: o noivado e a apresentação de oferendas à família da noiva, que podem incluir gado, vestuário, ferramentas agrícolas, entre outros bens. Inserida no conjunto de práticas socioculturais de determinados contextos históricos do sul de Moçambique, a tradição do Lobolo tem passado por transformações decorrentes de mudanças nos âmbitos social, econômico, político e religioso.

Antes do contacto com os europeus, a prática do Lobolo já era observada em Moçambique¹ como um mecanismo regulador da estabilidade conjugal e da harmonia familiar e social dos indivíduos na sociedade (Bagnol, 2008). Ao longo do

¹ Moçambique está localizado na região austral da África, especificamente entre Tanzânia e África do Sul. A oeste faz fronteira com Maláui, Zimbábue e Zâmbia, e a leste sua costa é banhada pelo Oceano Índico. Este território é dividido quase que ao meio por um dos maiores rios africanos, o Zambeze, e a diversidade cultural também é uma marca de sua população. Trata-se de um território habitado por vários povos, com um total de 11 grupos, dos quais derivam 31 línguas. Ver Moçambique, primeiras machambas, Rio de Janeiro, Margem, 1977. (Jacimara Santana, p.84)

tempo, essa prática foi se adaptando em resposta a diversas motivações e circunstâncias externas presentes em cada contexto histórico, mantendo, contudo, seu valor social e cultural que se reflete na legitimação da união conjugal, na centralidade e regulação da descendência, na significância das partes envolvidas e na relação com os antepassados (Granjo, 2005).

A partir do século XIX surgiram preconceitos em relação à prática do Lobolo. Nesse período, iniciaram-se perseguições contra essa tradição. No contexto da colonização, o colonialismo buscava impor aos moçambicanos a adoção exclusiva da tradição cristã, sob a crença de que o Lobolo consistia em uma forma de compra e venda de mulheres. Essa visão foi reforçada também durante o período socialista pela FRELIMO (Moçambique Independente). Mesmo diante desses momentos de repressão ou investidas contra a tradição, o Lobolo perdurou e perdura até os dias atuais. Nessa perspectiva, pretendo abordar historicamente como as transformações políticas, econômicas e sociais em torno dessa tradição influenciaram sua evolução ao longo do tempo, incluindo sua importância para a organização social e para a construção da identidade da mulher na sociedade desde aproximadamente a segunda metade do século XIX até os dias atuais.

A monografia está estruturada da seguinte forma: primeiro capítulo - a introdução, onde é apresentada uma breve história do Lobolo e suas características. Na justificação, busca-se evidenciar as lógicas que sustentam os preconceitos em torno da história do lobolo. Os objetivos, de maneira geral, refletem as diversas transformações do Lobolo ao longo de sua evolução. Na problematização, são exploradas uma série de questões complexas e interligadas ao analisar as transformações do Lobolo ao longo do tempo. Na descrição espacial procuramos destacar uma breve descrição do bairro de Chamanculo "C".

No enquadramento teórico-conceitual e na revisão da literatura procuramos apresentar uma análise teórica do conceito do Lobolo, destacando as perspectivas de vários autores em relação ao que é o lobolo e o Lobolo como meio na construção da identidade da mulher e na organização social assim como etapas e mudanças históricas culturais do Lobolo ao longo do tempo. O segundo e terceiro capítulo descreve as mudanças históricas, culturais e legais em torno do lobolo no contexto sul e urbano. O quarto capítulo analisa as formas do Lobolo na contemporaneidade

perspectiva cultural, tendo como destaque a cerimônia por mim observada, no ano de 2023, em Maputo. O quinto capítulo apresenta as considerações finais e o sexto capítulo apresenta as referências bibliográficas.

Por fim, a conclusão será apresentada com base na pergunta inicial e nos objectivos que nortearam a pesquisa.

1.2. Problematização

O Lobolo é incontestavelmente um dos símbolos da cultura moçambicana, amplamente praticado pela população local. Desde o período colonial até os dias atuais, essa prática passou por transformações significativas. A problemática relacionada à evolução do Lobolo no sul de Moçambique, com ênfase no estudo de caso da cidade de Maputo desde o século XIX até os dias atuais, abarca uma série de questões complexas e interconectadas.

Inicialmente, a influência das mudanças sociais, econômicas e políticas ao longo dos séculos suscita questionamentos acerca de como esses fatores impactaram as práticas do Lobolo e as relações matrimoniais nas comunidades moçambicanas (Granjo, 2005). Outro ponto relevante diz respeito à evolução jurídica do Lobolo em Moçambique, considerando as alterações legislativas ao longo do tempo e seu reflexo nas negociações matrimoniais. Compreender as transformações legais relacionadas ao Lobolo e sua interação com as normas tradicionais é crucial para analisar os desafios e tensões entre o reconhecimento legal e a preservação das práticas culturais (Taibo, 2012).

Além disso, a questão da agência das mulheres em relação ao Lobolo, historicamente ligada a estruturas patriarcais, requer uma investigação aprofundada sobre como as mudanças sociais, políticas e econômicas têm influenciado as negociações matrimoniais e as dinâmicas de poder no contexto urbano contemporâneo.

Por esse motivo, formulamos nosso problema na seguinte questão: ***De que forma as mudanças sociais, econômicas e legais influenciaram a evolução do Lobolo no sul de Moçambique, com foco na cidade de Maputo, desde o século XIX até os dias atuais?***

1.3. Objectivos:

1.3.1. Geral

- ❖ O presente estudo tem como propósito compreender a evolução do Lobolo desde o século XIX até a atualidade.

1.3.2. Específicos

- ▶ Identificar as transformações históricas e culturais do Lobolo no contexto urbano
- ▶ Descrever as mudanças legais relacionadas ao Lobolo em Moçambique, desde o período colonial até a actualidade.
- ▶ Analisar a forma de realização do rito tradicional na contemporaneidade.

1.4. Justificativa/ Relevância

A pesquisa sobre a Evolução do Lobolo no sul de Moçambique, reveste-se de extrema relevância no contexto histórico, antropológico e sociológico da região. Além disso, é justificada pela necessidade de compreender as mudanças sociais, culturais e legais que influenciaram as práticas matrimoniais nessa região ao longo do tempo. O Lobolo está intrinsecamente ligado às transformações de identidade na sociedade moçambicana, em uma interação híbrida com as tradições existentes. Essas transformações referem-se à posição da mulher, ao individualismo e à monitorização da vida social. No entanto, o século XIX foi marcado por repressões a essa tradição, com perseguições iniciadas nesse período e preconceitos reforçados por visões modernizantes.

Maputo, como capital, é um espaço urbano influenciado historicamente por diversos grupos sociais nacionais e estrangeiros. Sua transformação em uma cidade cosmopolita em 1975 rompeu com divisões raciais e sociais pré-existentes, mantendo uma diversidade cultural que se reflete em seu desenvolvimento urbano centrado em uma estrutura ferro-portuária. A relação entre a cidade e o meio rural é

essencial para compreender sua história e realidade social, com a maioria dos residentes migrando de outras regiões de Moçambique, principalmente das zonas rurais. Neste âmbito, é impossível pensar numa espécie de ruptura com as origens, a vivência na cidade é estabelecida na tensão entre os valores da tradição e as “novas” formas de vida urbana (Taíbo, 2012:19).

A pesquisa histórica realizada em Maputo foca no indivíduo como categoria fundamental para analisar as diversas transformações do Lobolo ao longo dos séculos. Este estudo não apenas contribui para a Antropologia e História, mas também para aqueles interessados na tradição e evolução do Lobolo em Moçambique. Além disso, enriquece a produção científica sobre o tema, auxiliando na compreensão das transformações dessa prática ao longo do tempo e na atual significância desta tradição na sociedade moçambicana, especialmente no que diz respeito à construção da identidade feminina e sua agência na sociedade contemporânea.

1.5. Descrição Espacial

O distrito de Kalhamanculo localiza-se no município de Maputo e encontra-se dividido em 11 unidades administrativas denominadas "bairros": Chamanculo A, B, C e D. O bairro Chamanculo "C", situado na capital de Moçambique, caracteriza-se por uma estrutura urbana composta minimamente por casas médias de zinco e madeira, além de alguns edifícios que não ultrapassam os três andares. A cidade de Maputo constitui um cenário de interações sociais onde o Lobolo desempenha um papel significativo na negociação de percepções, valores e significados sobre o mundo. Em seguida, apresento o mapa administrativo da cidade de Maputo para referência visual.

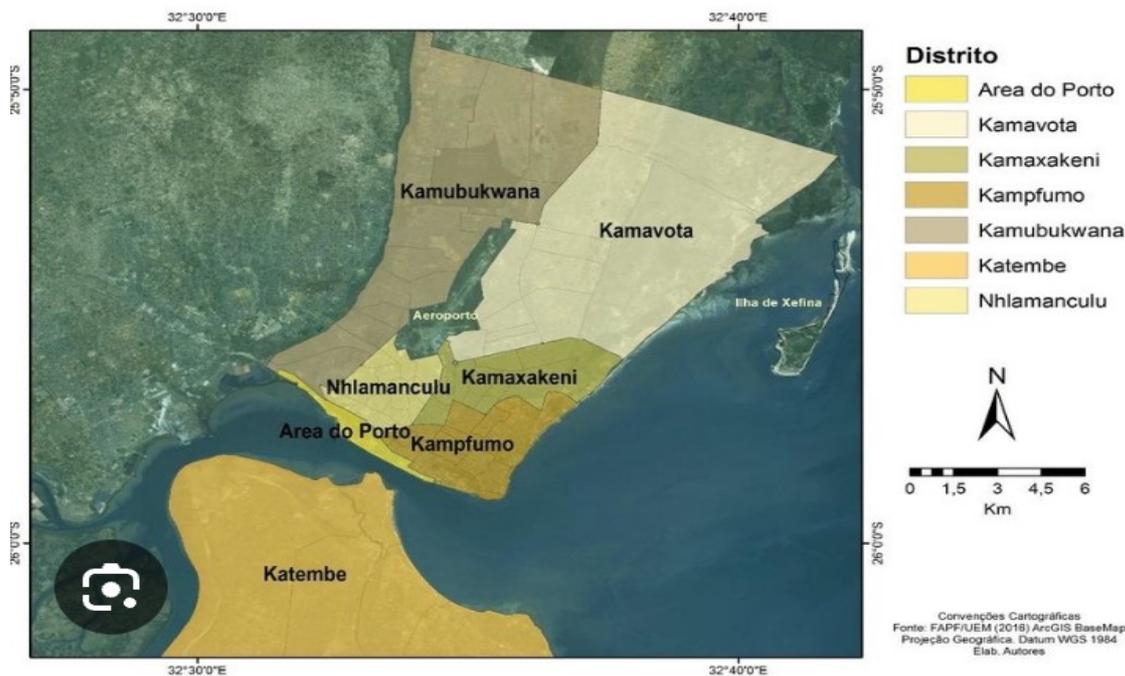


Fig.1. Mapa administrativa da cidade de Maputo²

1.6. Revisão da literatura

"Usos e Costumes dos Bantu" de Henri Junod é uma obra clássica da etnografia africana, escrita por um missionário suíço que viveu entre os povos bantu em Moçambique e na África do Sul no final do século XIX e início do século XX. Junod apresenta um olhar detalhado sobre a cultura, tradições, crenças e organização social dos povos bantu, trazendo uma perspectiva única e profunda sobre a vida dessas comunidades. Sua abordagem é fruto de anos de convivência e

² Fonte: Disponível em: <https://www.researchgat.net/figure/figura-Divisao-Administrativa-da-cidade-de-Maputo-fonte-Autores-fig2-330543413>. Acessado em: 20 DE jun.2024.

pesquisa no campo, o que confere à obra um caráter rico em detalhes e nuances.

Ao longo do livro, Junod discute temas como a estrutura familiar, a religião, os rituais de passagem, a organização política e social, além de abordar aspectos linguísticos e artísticos das diferentes etnias bantu. Sua escrita é cuidadosa e respeitosa, demonstrando não apenas um profundo conhecimento acadêmico, mas também empatia e interesse genuíno pelas culturas que estuda.

Nesta revisão, Henri Junod (1974) estava mais preocupado em explicar a origem e significado do lobolo. Segundo ele, o termo lobolo deriva do “Cu lobola que significa comprar em casamento, diz-se de um pai que reclama ao pretendente da filha uma certa quantia em dinheiro. Lobolo ou ndjobolo ou bucóssi é a quantia paga em bois, as enxadas ou as libras esterlinas”. Percebe-se que o autor sublinha este termo como “acção de pagar” mais do que o valor em si (Junod, 1996:104-105).

"O Sétimo Juramento" de Paulina Chiziane é um romance que nos leva para o universo da cultura moçambicana contemporânea, explorando temas como tradição, poder, religião e questões de gênero. A autora nos presenteia com uma narrativa envolvente que mergulha nas complexidades da sociedade moçambicana pós-independência, abordando de forma sensível e crítica as dinâmicas familiares, os conflitos entre tradição e modernidade, e os desafios enfrentados pelas mulheres em um contexto patriarcal.

Por meio da história de protagonistas fortes e marcantes, Chiziane nos convida a refletir sobre o papel das tradições, a influência da colonização e a busca por autonomia e liberdade individual. Através de uma linguagem poética e envolvente, a autora constrói personagens multifacetados que lutam contra as amarras do passado em busca de um futuro mais justo e igualitário.

"O Sétimo Juramento" não apenas entretém, mas também provoca questionamentos profundos sobre identidade, resistência e transformação. A obra se destaca não apenas pela qualidade literária, mas também pela relevância dos temas abordados, que ecoam questões universais sobre a condição humana.

Para Chiziane, O Lobolo, do vocabulário bantu, tem uma miríade de significados. Como palavra que inspira a dignidade, unidade, aliança e prestígio; Lobolo, como palavra e como acto, foi sempre mal-entendido, e por isso combatido”

(Chiziane, 2000: 90). Outrossim, no contexto tradicional, o lobolo simboliza e legitima o enlace matrimonial. A crítica imposta por sujeitos contrários da acção do lobolo é de que os bens envolvidos possuem o mesmo carácter imperialista e capitalista. Quando pelo contrário, os bens materiais servem para justificar o reconhecimento pela orientação relacionada aos deveres domésticos e o fato da noiva preservar a virgindade até o casamento dentro dos parâmetros tradicionais.

Em "O sétimo juramento", a prática do casamento Ancestral negociada através do lobolo significa uma espécie de compensação e não um "dote", nem tampouco um "preço de compra", e nesta perspectiva, em termos legais, regulariza a transferência dos filhos da esposa para o grupo familiar do marido. Um factor evidenciado na narrativa é a pretensiosa dignificação do lobolo para uma mulher: "Todas as mulheres gostam do lobolo porque dignifica." Dá estatuto. Prestigia. Porque no dia do lobolo--casamento, a mulher sai da invisibilidade, do anonimato, e se torna o centro das atenções, rainha uma vez na vida (Chiziane, 2000: 90).

A narradora, ao destacar que "todas as mulheres gostam do lobolo porque dignifica", enfatiza que tal acordo garante à esposa e aos filhos a manutenção e bem-estar assumidos pelo esposo e sua família. Ou seja, os filhos gerados pelo casal agregam-se à família de quem havia pago o lobolo, que significa casamento, por isso é considerado "um contrato de desigualdade e injustiça, em que o homem jura dominar a mulher, e a mulher jura subordinar-se e obedecer até ao fim de seus dias" (Chiziane, 2000: 90).

A semelhança de Paulina Chiziane, Granjo (2005) desenvolveu o seu estudo com recurso a uma análise situacional de um lobolo em Maputo, onde contactou que esta prática engloba em si a legitimação conjugal, o controlo da descendência, a dignificação das partes envolvidas e aquilo que chamou de domesticação do aleatório através da acção dos antepassados. A instituição lobolo tem a capacidade de resolver problemas novos, típicos do desenvolvimento social e da globalização.

O artigo de Paulo Granjo, intitulado "O lobolo do meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais", publicado na revista Travessias, traz também uma reflexão profunda sobre as práticas matrimoniais em contextos africanos contemporâneos, especificamente em Moçambique. O autor aborda a questão do lobolo, um tradicional sistema de dote matrimonial presente em diversas

culturas africanas, e analisa como essa prática milenar se relaciona com as transformações sociais e culturais do mundo atual.

Granjo (2005) mergulha nas experiências vividas por seu amigo Jaime, utilizando-as como ponto de partida para discutir não apenas as dimensões simbólicas e materiais do lobolo, mas também as suas implicações nas relações conjugais e familiares. Ao trazer à tona esse "velho idioma" das vivências conjugais, o autor propõe uma reflexão crítica sobre a continuidade e a adaptação de tradições ancestrais em um contexto marcado pela modernidade e globalização.

Através de uma análise cuidadosa e sensível, Granjo nos convida a repensar as noções de casamento, gênero e poder dentro do contexto moçambicano, destacando a complexidade das negociações matrimoniais e os desafios enfrentados pelas pessoas que buscam conciliar tradição e inovação em suas vidas. O artigo não apenas ilumina aspectos pouco explorados das práticas matrimoniais africanas, mas também amplia o debate sobre identidade cultural e mudança social em um mundo cada vez mais interconectado.

Granjo (2005) destaca a centralidade do lobolo como instituição matrimonial, ressaltando sua persistência ao longo do tempo, mesmo diante das transformações culturais e econômicas. Para ele, o lobolo transcende adaptações superficiais, sendo intrínseco e essencial, operando em um nível inconsciente. O autor enfatiza a importância do lobolo para a família do noivo como uma questão de honra, conferindo prestígio e status social, enquanto para a família da noiva, representa a pacificação dos antepassados e a proteção da mulher em seu lar. Granjo observa que o lobolo adquiriu novos significados, porém mantendo sua ligação com a ancestralidade, fundamental para sua sobrevivência.

Por sua vez, Bagnol (2008) analisa o lobolo como elemento estruturador de relações sociais, permitindo a comunicação entre vivos e antepassados, além de promover estabilidade e harmonia social. O lobolo é parte da identidade individual e coletiva, conectando seres vivos e mortos em uma rede de significados e tradições em constante evolução. A autora discute a prática contemporânea do lobolo no contexto urbano do sul de Moçambique, desmistificando associações anteriores com populações rurais analfabetas. Através de estudos de caso, Bagnol explora as nuances dessa prática e sua relação com a harmonia entre vivos e mortos.

O trabalho de Brigitte Bagnol, intitulado "Gender, Self, Multiple Identities, Violence and Magical Interpretations in Lovolo Practices in Southern Mozambique", apresenta uma profunda incursão no universo das práticas culturais e rituais do lovolo no sul de Moçambique, sob a perspectiva da antropologia social. A autora mergulha nas complexidades das identidades de gênero, da construção do self e das interpretações mágicas que permeiam essas práticas tradicionais.

Por meio de sua tese de doutorado na área de Antropologia Social pela Universidade de Cape Town, Bagnol lança luz sobre as dinâmicas de poder, violência e significados simbólicos presentes nos rituais do lovolo, revelando como tais práticas influenciam e são influenciadas pelas múltiplas identidades dos participantes. A autora destaca a interseccionalidade entre gênero, violência e interpretações mágico-religiosas, oferecendo uma análise aprofundada e sensível desses fenômenos.

Ao explorar as dimensões socioculturais e psicológicas envolvidas nos rituais do lovolo, Bagnol nos convida a refletir sobre a complexidade das experiências individuais e coletivas nesse contexto específico do sul de Moçambique. Sua abordagem meticulosa e etnograficamente fundamentada lança novas perspectivas sobre temas sensíveis como violência de gênero, identidade e espiritualidade, enriquecendo o campo acadêmico e contribuindo para uma compreensão mais ampla das práticas culturais em África. Ela destaca que o lobolo influencia não apenas estatutos e direitos, mas também a construção identitária e a ocorrência de violência em diversas esferas. Bagnol busca compreender como as mulheres constroem suas identidades e reivindicam sua agência na sociedade moçambicana contemporânea através da prática do lobolo.

O trabalho de Camilo Brígida António Mate, intitulado "Percepções e representações do lobolo entre jovens da IURD: Estudo de caso de Magoanine C. Maputo, 2014", oferece uma investigação aprofundada sobre as percepções e representações do lobolo entre os jovens pertencentes à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em Moçambique. A escolha desse tema específico revela o interesse do autor em explorar as intersecções entre práticas tradicionais e religiosas no contexto urbano de Maputo, trazendo à tona questões complexas relacionadas à identidade, cultura e religião.

Ao focar nas percepções e representações dos jovens da IURD em relação ao lobolo, Mate lança luz sobre como essa prática cultural é reinterpretada e resignificada dentro do contexto evangélico da igreja. Através de um estudo de caso realizado em Magoanine C., bairro de Maputo, o autor investiga as dinâmicas sociais e simbólicas que permeiam a compreensão dos jovens sobre o lobolo, evidenciando as transformações e negociações identitárias que ocorrem nesse processo.

A pesquisa de Mate (2014) oferece informações valiosas sobre a forma como os jovens da IURD articulam tradições culturais seculares com suas crenças religiosas, destacando os conflitos e sinergias que surgem desse diálogo intercultural. Ao analisar as percepções dos jovens em relação ao lobolo, o autor revela não apenas as divergências e convergências entre práticas tradicionais e religiosas, mas também as estratégias de adaptação e ressignificação adotadas pelos indivíduos para reconciliar essas diferentes esferas de significado em suas vidas.

Portanto, a obra de Camilo Brígida António Mate representa uma contribuição significativa para os estudos sobre identidade, religião e cultura em Moçambique, ao explorar de forma sensível e perspicaz as complexidades envolvidas nas percepções dos jovens da IURD em relação ao lobolo. Sua abordagem metódica e contextualizada lança novas luzes sobre as dinâmicas socioculturais contemporâneas no país, enriquecendo o debate acadêmico e ampliando nossa compreensão das interações entre tradição e modernidade.

O dote, conhecido como Lobolo em algumas culturas africanas, desempenha um papel fundamental nas construções socioculturais, conforme destacado por Mate (2014:27). Este elemento tradicional e regulador é transmitido de geração em geração como um legado cultural, sendo sua preservação essencial para manter a continuidade histórica e a identidade cultural de uma sociedade. O abandono do Lobolo representaria não apenas uma ruptura com o passado, mas também um desrespeito pela história e uma perda de identidade cultural, algo que a sociedade busca evitar para não trair seus antepassados e as bases sobre as quais se sustenta no presente.

Além de conferir prestígio e status social aos indivíduos envolvidos, o Lobolo desempenha um papel significativo na construção da identidade da mulher e nas

dinâmicas socioculturais. Nesse sentido, percebe-se que a prática do Lobolo vai além de questões materiais ou financeiras, influenciando diretamente as relações interpessoais, os papéis de gênero e as estruturas familiares dentro de uma comunidade.

A análise proposta por Mate (2014) ressalta a importância do Lobolo não apenas como uma transação econômica entre famílias, mas como um elemento simbólico e cultural que molda as relações sociais e a própria noção de identidade coletiva. Portanto, compreende-se que o Lobolo é um pilar central nas dinâmicas socioculturais das comunidades onde é praticado, influenciando não apenas o presente, mas também as perspectivas futuras dessas sociedades.

A dissertação de Taíbo, R. M. intitulada "Lobolo (s) no Moçambique contemporâneo: mudança social, espíritos e experiências de união conjugal na cidade de Maputo" oferece uma análise aprofundada e perspicaz sobre a prática do lobolo em um contexto urbano e contemporâneo, destacando as complexidades e nuances que envolvem essa tradição cultural em evolução. Ao revisar a literatura apresentada por Taíbo, somos levados a uma jornada que explora não apenas o significado tradicional do lobolo como dote matrimonial, mas também as transformações sociais, espirituais e de gênero que moldam as experiências de união conjugal na cidade de Maputo.

O autor mergulha nas dinâmicas sociais e culturais que influenciam a prática do lobolo, destacando não apenas sua função simbólica na negociação de casamentos, mas também sua relevância na construção de identidades individuais e coletivas. Através de uma abordagem interdisciplinar, Taíbo tece conexões entre o lobolo e questões mais amplas relacionadas à mudança social, espiritualidade e poder dentro da sociedade moçambicana contemporânea.

Além disso, a dissertação explora as experiências vividas por aqueles envolvidos no processo de negociação do lobolo, destacando as tensões, negociações e significados atribuídos a essa prática ao longo do tempo. Ao analisar as narrativas dos indivíduos envolvidos em uniões conjugais em Maputo, Taíbo lança luz sobre as maneiras pelas quais o lobolo é reinterpretado e adaptado às realidades urbanas e às transformações culturais em curso.

Por meio dessa revisão da literatura apresentada por Taíbo em sua

dissertação, somos confrontados com questões profundas sobre tradição e modernidade, poder e resistência, espiritualidade e secularismo. Sua obra não apenas amplia nosso entendimento sobre o papel do lobolo no Moçambique contemporâneo, mas também nos convida a refletir sobre as complexidades das relações matrimoniais em um contexto urbano em constante evolução.

1.7. Enquadramento teórico conceptual do Lobolo

No âmbito da literatura antropológica, o Lobolo é frequentemente referido como o "preço da noiva". Contudo, abordagens contemporâneas têm questionado essa interpretação, que se baseia na ideia de "compra ou venda da mulher", propondo novas perspectivas analíticas que consideram as diversas reinvenções dessa prática ao longo do tempo (Silva, 2019:4). Os preconceitos em relação ao Lobolo têm contribuído para equívocos quanto ao significado da palavra e à própria tradição.

Para uma melhor compreensão da definição do Lobolo, será realizada uma análise dos trabalhos de Cuave (2018), Radcliffe-Brown (1982), Granjo (2005), Aline da Silva (2019), Rhuann (2020) e Taibo (2012). Radcliffe-Brown (1982) define o Lobolo como um casamento tradicional no qual ocorre a compra ou venda da mulher. Em contrapartida, Granjo (2005) rejeita a noção de Lobolo como um "preço da noiva", predominante na antropologia moderna, destacando as transformações atuais pelas quais essa prática tem passado e as novas motivações que têm impulsionado a sua realização.

Na mesma linha de pensamento, Ismael Cuave entende o Lobolo como uma forma de gratificação e indenização que o noivo oferece à família da noiva pela sua filha, que está sendo integrada em um novo grupo familiar. Dessa forma, a prática tradicional do Lobolo não pode ser interpretada apenas como uma ação individual, mas sim como um processo que envolve dois grupos familiares que estabelecem laços duradouros (Cuave, 2018:9). Para Taibo (2012:14), o Lobolo é um ritual de união conjugal fundamentado na troca de bens simbólicos que representam a transição da mulher de um grupo para outro.

É fundamental ressaltar que uma compreensão adequada do Lobolo requer a

observância de rituais corretos e a busca por equilíbrio e compensação entre as famílias envolvidas (Rhuann, 2020:264). O Lobolo, enquanto prática tradicional enraizada na região sul de Moçambique, estabelece um vínculo conjugal por meio da troca de oferendas para unir duas pessoas. Nesse contexto, é importante ressaltar que o Lobolo não deve ser interpretado como um "preço da mulher" ou como uma transação comercial, mas sim como um símbolo de amor, afeto e comprometimento entre o noivo e a noiva.

1.7.1. Lobolo como meio na construção de identidade da Mulher e na Organização Social

Com base na pesquisa de Brigitte Bagnol (2005) sobre as práticas do lobolo no sul de Moçambique, é possível construir um argumento complexo sobre a influência do cumprimento do lobolo na construção da identidade da mulher. Ao analisar a tese da autora, percebe-se que o lobolo não é apenas um dote matrimonial, mas também um símbolo cultural que desempenha um papel significativo na definição das identidades femininas dentro da sociedade moçambicana.

Através do cumprimento do lobolo, as mulheres são inseridas em um sistema de trocas simbólicas e materiais que reforçam normas sociais e expectativas de gênero. Esse ritual não apenas estabelece uma ligação entre as famílias envolvidas no casamento, mas também funciona como um rito de passagem que marca a transição da mulher para um novo status social e familiar. Dessa forma, o cumprimento do lobolo atua como um mecanismo de legitimação e reconhecimento da identidade feminina dentro da comunidade.

Além disso, o lobolo pode influenciar a autoimagem e autoestima das mulheres, uma vez que a conclusão bem-sucedida desse processo é frequentemente associada à valorização e respeito dentro da comunidade. A partir dessa perspectiva, o cumprimento do lobolo não só molda as identidades femininas externamente, mas também internaliza valores culturais e sociais que impactam a forma como as mulheres se percebem e são percebidas pelos outros.

Portanto, ao considerar o papel do lobolo na construção da identidade da mulher em contextos como o sul de Moçambique, torna-se evidente que esse ritual

tradicional não apenas reflete dinâmicas de poder e gênero na sociedade, mas também contribui para a formação de uma narrativa identitária complexa e multifacetada para as mulheres envolvidas. A pesquisa de Bagnol oferece informações valiosas sobre como essas práticas culturais moldam e influenciam as experiências das mulheres moçambicanas em relação à sua própria identidade e posição na comunidade.

Segundo Mate (2014:30) no contexto da organização social, o lobolo desempenha um papel significativo. Ele não é apenas um ato simbólico, mas também tem implicações profundas na estrutura e dinâmica das relações familiares e comunitárias. Por um lado, o lobolo pode ser visto como uma forma de reconhecimento e respeito às tradições e valores culturais de determinada sociedade. Ele reforça os laços entre as famílias envolvidas e pode ser interpretado como um gesto de união e compromisso.

Por outro lado, a prática do lobolo também levanta questões complexas relacionadas à igualdade de gênero e aos direitos das mulheres. Em muitos casos, o valor do lobolo é negociado sem a participação da noiva, o que pode perpetuar relações desiguais e hierárquicas entre os gêneros. Isso evidencia como o lobolo pode refletir e até mesmo reforçar normas sociais e estruturas de poder existentes dentro de uma comunidade.

Portanto, é importante analisar o papel do lobolo de forma crítica e contextualizada, levando em consideração não apenas as tradições e significados culturais associados a essa prática, mas também as implicações mais amplas em termos de justiça social, igualdade de gênero e direitos humanos.

1.7.2. Etapas e Mudanças históricas e cultural em torno do lobolo

Junod (1996:103-105) ao descrever e analisar o Lobolo, destaca as etapas e os procedimentos que envolvem essa cerimônia tradicional. Segundo o autor, a cerimônia de Lobolo é composta por seis momentos distintos, a saber: preparativos, assalto à aldeia, pagamento do Lobolo, cortejo nupcial, ato religioso e cinto simbólico.

- ✓ No primeiro momento, são delineadas as responsabilidades de cada parte

envolvida. A família da noiva é encarregada da preparação das bebidas, enquanto o noivo deve providenciar uma cabra e sua família é responsável por verificar as enxadas e libras esterlinas necessárias para o Lobolo.

- ✓ O segundo momento corresponde ao assalto à aldeia, caracterizado por conflitos e injúrias entre os grupos aliados, culminando em festividades.
- ✓ O terceiro momento envolve o pagamento do Lobolo na aldeia da noiva, realizado com enxadas que são posteriormente inspecionadas por membros da família da noiva. Essa prática visava garantir a possibilidade de devolução da mulher por qualquer motivo ou a aquisição de outras mulheres através do Lobolo.
- ✓ O quarto momento é marcado pelo cortejo nupcial, que inclui o sacrifício da cabra e a busca da noiva pelas irmãs do noivo e outras mulheres nas aldeias vizinhas. Após trazê-la para o local da cerimônia, as mulheres se retiram enquanto as famílias do casal trocam insultos, cantam e dançam como parte integrante da celebração. O ato religioso consiste na apresentação do casal aos antepassados para garantir harmonia na vida conjugal, sendo responsabilidade do pai da noiva.
- ✓ Por fim, no momento do cinto simbólico, o pai da noiva coloca em torno dela uma essência extraída da cabra sacrificada como um símbolo de garantia da felicidade futura da filha.

O autor Taibo (2012) aborda as transformações inerentes ao ritual do lobolo no sul de Moçambique, relacionando a literatura antropológica sobre o casamento com experiências de união conjugal em Maputo. Ele destaca o lobolo como um ritual que, dentro do contexto das práticas tradicionais, representa uma forma de poder. Este poder, vinculado à autoridade socialmente reconhecida de indivíduos ligados aos espíritos dos antepassados, incomodou tanto a administração colonial Portuguesa quanto o governo socialista da FRELIMO. As tentativas de abolir tais práticas visavam enfraquecer esses focos de poder que influenciavam as comunidades locais.

As mudanças históricas em torno do lobolo foram marcadas por preconceitos e rupturas desde o período colonial até o pós-colonialismo. Mesmo diante das

pressões para adotar práticas católicas ou socialistas, o lobolo permaneceu como um elemento central na consolidação das posições sociais e relações familiares. Actualmente, mesmo com as transformações nas relações familiares e econômicas, onde a noiva pode contribuir financeiramente para o lobolo, questiona-se a ideia tradicional de compra da noiva. O lobolo ainda mantém sua relevância na sociedade moçambicana, adaptando-se às mudanças contemporâneas sem ser apenas uma reprodução social.

Ao descrever as mudanças práticas do lobolo em relação à forma de pagamento, Granjo (2005) e Taibo (2012) destacam a possibilidade de realizar o pagamento "a prestações", especialmente em famílias economicamente desfavorecidas. Além disso, observa-se a transição do gado como moeda de troca nas áreas rurais para outros itens, como dinheiro, roupas, capulanas, caixas de cerveja e refrigerantes, em contextos urbanos como Maputo. Essa monetarização do lobolo nos últimos anos tem impactado significativamente seu contexto social.

É fundamental destacar que apesar dos preconceitos enfrentados pelo lobolo em relação à sua denominação e tradição ao longo da sua evolução, muitas famílias da região sul de Moçambique, particularmente em Maputo continuam a praticá-lo e a considerá-lo uma tradição identitária com um carácter simbólico representativo do vínculo social e cultural legítimo dentro da sociedade.

1.8. Metodologia de pesquisa

1.8.1. Conceito de Método

De acordo com António Carlos Gil (2008), o método pode ser definido como o caminho para atingir um determinado fim, sendo o método científico o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para alcançar o conhecimento. Segundo FACHIN (2001), o método é um instrumento do conhecimento que oferece aos pesquisadores, em qualquer área da sua formação, uma orientação geral que facilita o planejamento de uma pesquisa, a formulação de hipóteses, a coordenação de investigações, a realização de experiências e a interpretação dos resultados.

Conforme Marconi e Lakatos (2010), o método consiste em um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permitem, com segurança e economia, alcançar o objetivo proposto, delineando o caminho a ser seguido, identificando

erros e auxiliando nas decisões do cientista.

1.8.2. Tipo de Estudo

Este estudo adotará uma abordagem qualitativa, combinando análise de dados de natureza qualitativa para compreender em profundidade as nuances da evolução do lobolo no sul de Moçambique. Por meio da pesquisa documental e bibliográfica, serão valorizadas as fontes primárias de informação, incluindo legislação (Lei da Família nº 22/2019 de 11 de Dezembro), livros, teses, artigos, documentos históricos e arquivos para obter informações relevantes adicionais sobre a prática do lobolo em Moçambique ao longo do tempo.

1.8.3 Sujeito de Pesquisa

De acordo com Lakatos e Marconi (2010), o sujeito de pesquisa é definido como um conjunto de pessoas que apresentam pelo menos uma característica em comum. Este estudo contou com a participação de 15 participantes selecionados por meio de amostragem intencional, incluindo casais casados, líderes comunitários, anciãos locais e outros membros da comunidade que possuem conhecimento e experiência relevantes sobre a prática do lobolo em Maputo.

1.8.4. Técnica e instrumentos de recolha de dados

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participante. As entrevistas serão conduzidas individualmente com os participantes selecionados, explorando suas experiências pessoais com o Lobolo, percepções sobre suas mudanças ao longo do tempo e impacto nas relações familiares e sociais. A observação participante será realizada em contextos onde o Lobolo é discutido ou praticado, permitindo uma compreensão mais contextualizada da prática.

De acordo com Gil (2008), a entrevista é definida como uma técnica na qual o investigador se apresenta frente ao investigado e formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados relevantes para a investigação. Nesse sentido, a entrevista é vista como uma forma de interação social, sendo um tipo específico de diálogo assimétrico, no qual uma das partes busca coletar dados enquanto a outra se

apresenta como fonte de informação.

Os instrumentos de coleta de dados incluirão guias de entrevista semiestruturados, contendo questões abertas sobre temas relacionados ao Lobolo, tais como a origem histórica e cultural do Lobolo, o significado cultural e etimológico da palavra Lobolo, as mudanças ao longo do tempo e o impacto na sociedade moçambicana. Na entrevista estruturada, segue-se um roteiro previamente estabelecido, no qual as perguntas são predeterminadas visando obter diferentes respostas à mesma pergunta para possibilitar comparações. Nesse contexto, o entrevistador não possui liberdade para desviar do roteiro predefinido. Por outro lado, a pesquisa incluirá a técnica de observação directa: Presença activa na cerimónia do Lobolo.

1.8.5. Plano de análise e tratamento de dados

A análise dos dados seguirá uma abordagem indutiva, envolvendo a codificação e categorização dos dados qualitativos colectados. Será empregada a análise de conteúdo com o intuito de identificar padrões e temas emergentes relacionados à evolução do Lobolo em Maputo.

1.8. 6 Considerações Éticas

De forma clara e objetiva foi transmitido aos participantes do estudo toda a informação referente aos objetivos da pesquisa assim como os ganhos a nível académico, social e para o indivíduo. Foram mantidas em confidencialidade todos os dados e contribuições pessoais dos participantes e foram também preservados os valores éticos dos membros do estudo no momento da recolha e processamento de dados. Foram identificados através de números aleatórios.

O indivíduo que correspondia ao grupo alvo de estudo foi livre de recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa proposta, o mesmo não sofreu nenhum tipo de penalização ou prejuízo. Não houve despesas financeiras para os participantes ou indivíduo que teve pretensão de participar deste trabalho científico e não houve qualquer procedimento que pudera incorrer em danos físicos e/ou materiais ao participante.

CAPÍTULO II:

TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS DO LOBOLO NO CONTEXTO SUL E URBANO: MAPUTO

2.1. Tradições e Mudanças: O Lobolo no contexto cultural do Sul de Moçambique

Durante o domínio colonial português no Sul de Moçambique, as políticas culturais implementadas visavam expandir o poder colonial por meio do projecto missionário cristão e do regime do indigenato. Tais iniciativas, representadas pela criação de regulados e pelo sistema de assimilação, tinham como objetivo consolidar a presença colonial na região. O projecto de evangelização desempenhou um papel crucial nesse processo, resultando na disseminação do cristianismo em Moçambique. As escolas missionárias foram eficazes em combater práticas

consideradas supersticiosas ou falsas crenças, buscando substituir os valores sociais e culturais locais por novos padrões introduzidos pelo colonizador.

Sob o domínio português, as crenças culturais e práticas rituais relacionadas à possessão espiritual, culto aos ancestrais e outras manifestações religiosas foram reprimidas de forma significativa (Honwana, 1996:94). A educação cristã foi apresentada como a única capaz de eliminar os supostos aspectos obscuros da cultura nativa, sendo estabelecidos sistemas educacionais com o intuito de combater o que era considerado obscurantismo presente nas tradições africanas.

Rhuann (2020) destaca que a presença do poder político português era simbolizada por fortalezas e capelas, onde o poder temporal se unia ao espiritual. O cristianismo foi um importante aliado da colonização portuguesa, contribuindo para o desenvolvimento do aparato político-administrativo no Sul do país. As práticas espirituais africanas eram desvalorizadas como rituais mágico-religiosos e superstições, enquanto a ocupação colonial era acompanhada de estratégias persuasivas de natureza religiosa-psicológica para impor a suposta superioridade portuguesa sobre os nativos.

Neste contexto, a missão dos povos considerados avançados (europeus) era civilizar os considerados atrasados (africanos), associando o progresso ao modelo europeu e relegando as tradições locais ao status de bárbaras, atrasadas ou incivilizadas. Conforme Sengulane (2015), durante a década de 1850, a administração colonial em Moçambique empenhou-se na criação de uma estrutura governamental rudimentar, culminando, em 1856, na instituição da Junta Geral da Província.

Esta entidade foi concebida com o propósito de promover a assimilação cultural dos moçambicanos, através da implementação de iniciativas educacionais, estímulo ao comércio e desenvolvimento de infraestruturas viárias. A partir de 1895, após subjugar a última resistência no Sul representada pelo Império de Gaza, os colonizadores portugueses planejaram a consolidação de um aparato administrativo robusto para supervisionar a população autóctone.

Nesse contexto, surgiram em 1895 as regedorias, também conhecidas como

regulados, por ocasião da criação da Circunscrição Indígena, destinada a gerir os "assuntos africanos". Os líderes tradicionais, incluindo os grandes reis que haviam resistido à ocupação colonial, foram substituídos por militares negros que haviam colaborado com os colonizadores portugueses na supressão das resistências locais, sendo estes indivíduos posteriormente designados como régulos.

Em 1897, foi estabelecido um órgão específico para tratar dos trabalhadores migrantes com destino à África do Sul, sendo posteriormente reestruturado em 1904 como Secretaria dos Negócios Indígenas. Os objectivos desta entidade incluíam a formulação da política indígena abrangendo a criação de um sistema judicial próprio, regulamentação das obrigações dos nativos, codificação das leis locais africanas, implementação de um Registro civil indígena, controle da emigração e definição do papel e organização da mão-de-obra. A economia portuguesa baseava-se principalmente na exportação de trabalhadores nativos para a África do Sul, constituindo uma das principais fontes de receita do país colonizador, em um cenário que ecoava práticas semelhantes à escravidão.

Simultaneamente à comercialização dessa força de trabalho, voltava-se a produção local para o cultivo e exportação de produtos agrícolas como algodão e açúcar, utilizando-se esses mesmos indivíduos como mão-de-obra. Assim, a ocupação territorial e exploração dos recursos naturais que sustentavam as comunidades moçambicanas foram subjugadas aos interesses identitários e econômicos coloniais, relegando os nativos à condição de meros instrumentos brutos destinados à exploração da terra e dos recursos locais. Nesse contexto, tais práticas podem ser interpretadas como uma forma institucionalizada de violência. É nessa perspectiva que se evidenciam os impactos significativos sobre as tradições locais, particularmente no que tange ao instituto do lobolo.

Junod (1974:265) descreve as transformações históricas concernentes ao Lobolo no Sul de Moçambique diante da entrada do homem branco, ressaltando a imposição do trabalho forçado nas minas na África do Sul como um elemento crucial que influenciou a monetarização dessa prática e despertou o interesse colonial pelo matrimônio, o qual passou a ser oficializado somente quando incorporado ao casamento canônico de valores católicos. Nesse sentido, observa-se uma flexibilidade por parte dos portugueses em relação à tradição local, em 1850-

1870 desde que houvesse possibilidade de obtenção de lucro.

Ademais, o regime colonial interpretava o Lobolo sob uma premissa evolucionista, considerando-o uma prática retrógrada. Embora reconhecesse sua importância na vida dos nativos, acreditava-se que a educação cristã poderia conduzi-los à ruptura com essa prática. A intervenção dos portugueses nos costumes locais visava eliminar o que era percebido como defeito, sendo o Lobolo um desses aspectos condenáveis por envolver a compra e venda de mulheres (Rhuann, 2020:274).

No contexto do século XIX, diante da abundância de enxadas associadas ao Lobolo, os portugueses enxergaram uma oportunidade para obter lucros substanciais. Despojaram a população da produção de enxadas e passaram a fabricá-las para comercialização ou trocas de favores. Paralelamente, desenvolveram a estratégia de enviar indígenas armados com espingardas e pólvora para caçar elefantes na região de Gaza, remunerando-os com enxadas numa proporção que variava entre vinte, cinquenta e cem enxadas por dente, dependendo do seu tamanho (Junod, 1974:266).

Esta abordagem evidencia a exploração da força de trabalho nativa pelos portugueses para atingirem seus objetivos, restringindo assim a continuidade da prática do Lobolo em Moçambique. Após a derrota e morte de Soshangane frente aos portugueses em 1856 e o estabelecimento colonial voltado para exportação de mão-de-obra barata para a África do Sul, as libras esterlinas passaram a ser gradualmente introduzidas no contexto do Lobolo, simultaneamente ao gado e às enxadas.

Desta maneira, nota-se que os salários relativamente elevados auferidos pelos mineiros sul-africanos, especialmente quando comparados às regiões do Sul de Moçambique, possibilitaram aos jovens adquirir bens de consumo que fortaleciam sua posição na comunidade, custear o Lobolo (cujos pagamentos passaram a ser cada vez mais em dinheiro) e garantir sua reprodução social (Agy, 2018:27).

De acordo com Junod (1974:267), esse fenômeno ganhou tal magnitude que passaram a ser observados dois modos distintos de lobolo: o tradicional, em que o

dote é adquirido por intermédio da irmã do indivíduo e utilizado para formalizar a união matrimonial; e o moderno, no qual o homem, após um árduo período de dois anos de trabalho nas minas de ouro, consegue juntar os recursos financeiros necessários por conta própria, sem auxílio familiar. Esta circunstância foi um dos principais motivos que levaram muitos homens, a partir de 1860, a emigrarem em massa para a África do Sul com o intuito de trabalhar nas minas de ouro e diamante em Witwatersrand e Kimberley, tornando-se posteriormente uma prática comum, principalmente para angariar fundos visando ao lobolo e à formação de uma família. Tal migração resultou na ausência dos homens de suas residências e comunidades por um período mínimo de um ano, fazendo com que as mulheres assumissem sozinhas responsabilidades que antes eram compartilhadas.

Como resultado, muitas mulheres passaram a se envolver em atividades religiosas e rituais. Ao se tornarem líderes na medicina tradicional, as mulheres começaram a desempenhar papéis como guardiãs das normas e valores sociais das comunidades. Entretanto, na região de Inhambane, muitas delas foram vítimas de exploração sexual e escravidão. Nesse contexto, as mulheres foram obrigadas a trabalhar nas terras dos colonos, ocasionando um desfalque em suas plantações de subsistência e resultando na escassez de alimentos e tempo dedicado à família (Rhuann 2020:275).

Por outro lado, no âmbito do discurso religioso cristão católico ou protestante, o casamento por lobolo não era reconhecido como válido. Era comum entre os missionários exigir que seus fiéis realizassem uma nova cerimônia matrimonial com mulheres "educadas" nas missões, abandonando suas esposas loboladas. Por conseguinte, os jovens, mesmo concordando com as premissas missionárias, realizavam três cerimônias distintas durante seus casamentos: uma no seio familiar, outra perante as autoridades estatais e uma terceira na igreja. Destaca-se que o lobolo possuía relevância para a administração colonial pois sua concretização implicava a posse de determinada quantidade de gado por esposa. Além disso, era obrigatório constar na caderneta de cada trabalhador o número de esposas que possuía (Revista Tempo 1976; Santana 2009:88).

2.2. Reflexos da independência na evolução do Lobolo no período de transição em Maputo (1974-1975)

É interessante observar como a transição para a era pós-colonial em Moçambique impactou significativamente a prática do Lobolo em Maputo. A independência do país em 1975 marcou não apenas uma mudança política, mas também desencadeou transformações profundas nas esferas sociais, econômicas e culturais, com repercussões diretas nas dinâmicas matrimoniais, incluindo o instituto do Lobolo

As alterações sociais e culturais pós-independência foram motivadas pela busca de uma identidade nacional moçambicana, refletindo-se em políticas de reavaliação das tradições locais e na promoção de uma nova consciência cultural. Nesse contexto, o Lobolo experimentou tanto continuidades quanto rupturas significativas. Por um lado, manteve-se como um elemento central nas relações matrimoniais, preservando sua função como elo entre famílias e comunidades. Por outro lado, as transformações sociais e políticas impactaram as estruturas familiares e as dinâmicas de género, provocando mudanças nas concepções e práticas associadas ao Lobolo (Honwana 2002).

A análise da evolução do Lobolo em Maputo após a independência revela a influência das políticas governamentais e dos movimentos sociais na prática desse costume. A promoção da igualdade de género e o respeito pelas tradições locais moldaram as negociações do Lobolo e as percepções em torno do casamento e da família. Em síntese, a transição para a era pós-colonial em Moçambique desencadeou mudanças significativas nas esferas social, cultural e política que reverberaram na prática do Lobolo em Maputo. As continuidades e rupturas observadas nesse contexto são reflexo das complexas transformações vivenciadas pelo país nesse período crucial de sua história.

2.3. Modernidade e tradição: o lobolo Como reflexo das transformacoes em Maputo

A cidade de Maputo, como muitas outras áreas urbanas em África, tem sido palco de significativas transformações sociais e culturais nas últimas décadas. O

lobolo, uma prática tradicional profundamente enraizada nas estruturas familiares e comunitárias moçambicanas, tem passado por adaptações e reinterpretações à medida que a modernidade e novas influências culturais se fazem presentes.

Como destaca Taíbo (2012), o lobolo está longe de ser uma prática estática, tem sido moldado pelas dinâmicas da sociedade contemporânea em Maputo. Ele aponta para a coexistência de elementos tradicionais, como o valor simbólico atribuído à troca de bens entre famílias, com aspectos modernos, como a negociação do lobolo em termos monetários ou a influência de ideias sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres.

Por sua vez Sheila juiz rejeita a noção como "compra ou venda da noiva" que é dominante na antropologia moderna até hoje, definindo Lobolo como um ritual que envolve a família da noiva e a família do noivo. Este ritual só pode ser feito quando existe um propósito verdadeiro entre ambas partes, destacando que: Lobolo não pode ser entendido como "preço da noiva".

A definição que há do Lobolo desde modernidade até hoje não é correcta. Actualmente muitos interpretam ou entendem Lobolo como "preço da mulher" por causa do "Dote" ou "dinheiro" que à família do noivo dá a família da noiva. Nem todos os que optam por seguir a tradição fazem "troca de dinheiro". O dote, "dinheiro" que família do noivo dá à família da noiva é forma de agradecer à família da noiva por ter educado ou cuidado da noiva até ao ponto de se conhecerem (...). [Sheila juiz, 26 anos de idade. Entrevista concedida algures no Bairro de chamanculo "C", no dia 22/04/2024]

Por outro lado Elda Jossefane destaca lobolo sendo um casamento tradicional quanto cultura não pode ser entendido como "preço ou compra da mulher" devido o seu valor simbólico na sociedade e na forma como dignifica ou identifica a mulher: Podemos observar que o Lobolo, sendo casamento tradicional, possui um valor simbólico na organização da sociedade, cultura moçambicana e maneira como as mulheres ganham a sua dignidade (...). a simbolismo dos bens oferecidos ao longo do lobolo, principalmente os tecidos para pai, mãe é uma forma de agradece-los.

Sendo assim, Lobolo não pode ser visto como compra ou venda da mulher,

tampouco como "preço da mulher". Porque se definimos Lobolo como compra ou venda da mulher, estaremos a ignorar a sua representação social e cultural no seio da sociedade (...) Ao ser lobolada me senti como uma mulher crescida e completa e acima de tudo confiante na mulher que me tornei(...). [Elda, 43 anos de idade. Entrevista concedida algures no Bairro de chamanculo "C", no dia 19/03/2024]

Analisando as preocupações levantadas por Sheila Juiz e Elda, é plausível formular a hipótese de que, o conceito e prática do Lobolo enfrentam desafios significativos no contexto actual e futuro. Ao alertar para os problemas decorrentes da deturpação do significado do Lobolo, especialmente quando utilizado como meio de suprir necessidades materiais ou financeiras, Francisco Tivana destaca os riscos de impactos negativos como violência doméstica e até mesmo suicídio entre as mulheres afectadas [Francisco Tivana, 32 anos de idade. Entrevista concedida algures no Bairro de chamanculo "C", no dia 19/03/2024]. Diante disso, sugere-se a necessidade urgente de revisão e correção na forma como o Lobolo é praticado, visando evitar consequências danosas e preservar a essência cultural e social desse ritual.

Passamos a argumentar e afirmar que o lobolo em Maputo pode refletir não apenas questões de identidade cultural e pertencimento, mas também aspectos mais amplos da mudança social, como a urbanização, a globalização e as novas configurações familiares. Essa transformação do lobolo na cidade de Maputo evidencia a necessidade de abordagens sensíveis que reconheçam tanto a importância das tradições locais quanto a dinâmica das forças externas que moldam as práticas matrimoniais.

Diante desse cenário é possível afirmar que o lobolo em Maputo se tornou um espaço de convergência entre tradição e modernidade, onde noções antigas e novas se entrelaçam para dar forma a novas expressões de união conjugal e relações familiares. Assim, ao considerar as análises de Sheila Juiz, Elda Jossefane e Francisco Tivana, é possível perceber a complexidade e as múltiplas camadas de significado associadas ao Lobolo dentro do contexto cultural moçambicano. Cada perspectiva oferece informações valiosas que contribuem para uma compreensão mais ampla e contextualizada desse importante aspecto da tradição matrimonial em Moçambique.

Como vimos, ao longo do trabalho, anteriormente, o lobolo era amplamente visto como uma transação na qual a família do noivo oferecia bens à família da noiva em troca do casamento. No entanto, com o passar dos anos, as mudanças nas percepções sobre igualdade de gênero e nos direitos das mulheres influenciaram a maneira como o lobolo é interpretado e negociado. Outra mudança importante está relacionada à esfera espiritual e cultural. Com a influência de diferentes crenças e práticas espirituais em Maputo, o significado e a importância atribuídos ao lobolo podem ter sido reinterpretados ao longo do tempo. Essa interação entre tradições culturais locais e influências externas contribui para a complexidade da prática do lobolo na cidade.

Essas mudanças históricas e culturais não apenas demonstram a capacidade de adaptação do lobolo às transformações sociais em curso, mas também destacam os conflitos e negociações inerentes à preservação de tradições em um contexto de mudança constante e contínua impacta as relações matrimoniais na cidade.

2.3.1. Principais mudanças do lobolo em Maputo ao longo do tempo

- a) Flexibilização na negociação do lobolo: Ao longo do tempo, a prática do lobolo em Maputo tornou-se mais flexível e menos presa a regras rígidas. As negociações agora podem envolver discussões mais abertas e adaptáveis, levando em consideração as circunstâncias específicas das famílias envolvidas.
- b) Reinterpretação do valor monetário: Anteriormente associado principalmente ao prestígio social e familiar, o valor monetário do lobolo em Maputo está sendo reinterpretado. Agora, além de representar um símbolo de status, o lobolo pode ser encarado como uma forma de apoio econômico para a noiva e sua família, refletindo as mudanças nas dinâmicas financeiras e sociais.
- c) Mudanças nas relações de gênero: Com o avanço das discussões sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres, observa-se uma mudança nas relações de poder em torno do lobolo em Maputo. As mulheres estão

buscando maior participação nas decisões relacionadas ao lobolo, reivindicando uma posição mais ativa e equitativa nas negociações (Bagnol 2005).

Essas mudanças refletem não apenas uma evolução na prática do lobolo em Maputo, mas também um reflexo das transformações mais amplas na sociedade moçambicana. Cada aspecto contribui para uma redefinição contínua do significado e da função do lobolo na vida das pessoas.

CAPITULO III

MUDANÇAS LEGAIS EM TORNO DO LOBOLO NO PERÍODO PÓS-COLONIAL

3. Contexto histórico e mudanças legais em torno do lobolo em Moçambique pós-colonial

Após um período de intensos conflitos que culminou em 25 de junho de 1975 com a independência de Moçambique e a ascensão da FRELIMO ao poder, iniciou-se um processo de reestruturação social sob a égide do socialismo. A FRELIMO,³ embasada em fundamentos marxistas e materialistas, propôs a construção de uma nova ordem baseada na formação do "homem novo", livre de amarras tribais, rituais arcaicos, obscurantismo, racismo e regionalismo. (Sousa & Silveira, 2017:125).

Destaca-se que, logo após a independência, o governo da FRELIMO, através da sua orientação marxista e sua inclinação materialista para compreensão do meio social e cultural, empreendeu esforços para abolir práticas tradicionais tidas como

³ FRELIMO - fundada na Tanzânia, em 25 de junho de 1962, foi composta pela junção de três organizações nacionalistas: União Nacional para Moçambique Independente (UNAMI), União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) e a African National Union Mozambique (MANU).

retrógradas, incluindo o lobolo e o curandeirismo. Em discursos emblemáticos, como na primeira Conferência da Mulher Moçambicana (OMM) em 1973, líderes como Samora Machel enfatizaram a dignidade da mulher e repudiaram sua mercantilização através do lobolo. O casamento foi reconceituado como uma instituição secular, rejeitando quaisquer aspectos religiosos ou comerciais que subjugassem a mulher.

O presidente Samora Machel afirmou que a mulher não tinha preço, os pais não poderiam vender suas filhas e colocar um preço nela, pois a mulher não é um bem material que pode ser vendido para gerar lucro. O lobolo deveria ser destruído, visto que a mulher era tida como uma propriedade privada do marido após a sua compra. Entendiam o casamento como um negócio e deveriam ficar responsáveis por suprir qualquer prática que tivesse a intenção de indenizar ou gratificar os pais pela venda da filha. Para os representantes da FRELIMO, o casamento não deveria atravessar nenhum tipo de religiosidade, apenas o civil nesse caso é incentivado, (Rhuann 2020:278; Revista Tempo, 1981).

Nesse contexto, a FRELIMO adotou uma série de medidas visando suprimir as tradições consideradas obstáculos ao avanço do socialismo. Expressões como "abaixo aos ritos de iniciação", "abaixo ao Lobolo", "abaixo ao tribalismo" e "abaixo aos curandeiros" ilustram a postura do partido em romper com práticas tradicionais que contrariavam seus princípios (Pinho, 2015). Após a conquista da independência, observa-se que, aos olhos dos seguidores e membros da FRELIMO, a prática do lobolo passou a ser interpretada como uma forma de subjugação da mulher, considerando-a como uma mercadoria que a impedia de participar ativamente na revolução, na luta pela libertação nacional e no conflito armado. Para estes autores, o lobolo era encarado como um ritual arcaico que perpetuava desigualdades e mantinha estruturas de poder antiquadas, contrárias ao avanço progressista. Acreditava-se que no passado as mulheres eram privadas da liberdade de escolha matrimonial, sendo compelidas a casar com homens significativamente mais velhos.

Segundo verifica-se que, após a independência, nos olhos dos seguidores e membros da FRELIMO, a prática do lobolo passa a ser visto como "venda da mulher", algo que a impedia de estar na revolução, na luta pela libertação nacional e na luta armada. Para eles, tratava-se de feitiçaria que transmitia mentiras para população

em nome de uma tradição, não passava de charlatanice para manter “estruturas arcaicas de poder”, opondo-se ao movimento das coisas novas, impedindo o progresso, pelo fato de ser estático.

Eles acreditavam que as mulheres nos tempos antigos não tinham liberdade de escolher os maridos que quisessem. Eram obrigadas a casar com pessoas com o triplo ou o dobro de sua idade. Por essas e outras razões, no tempo presente, não tem razão de existir, pois é um simples comércio, onde os velhotes não se importam pela felicidade de suas filhas contentando-se com pouco dinheiro. O combate ao colonialismo e ao fascismo engloba combater o lobolo que comercializa mulheres. Deve-se casar por amor, sem ter um preço. O homem que paga e tem uma mulher, nada mais do que estar obtendo um produto comprado. Ou seja, o objecto será usado e se for de má qualidade é jogado fora, descartada, devolvido e o dinheiro é pego de volta. Lutemos pela emancipação da mulher, elas não merecem ser comercializadas, são males herdados do passado tradicional que oprime a mulher (Tempo, 1975:03).

Terceiro percebe-se também que o discurso da FRELIMO não foi muito diferente do pensamento da pequena burguesia negra e da Igreja durante o período colonial: a prática continuou sendo vista como uma forma de comprar mulheres e torná-las propriedades privadas dos maridos, que passavam a escravizá-las e explorá-las na sua capacidade produtora e reprodutora. A elas cabia a obrigação de sustentar a família, a responsabilidade do serviço doméstico e a geração de mais “mão-de-obra”. Com base nessa visão, a Frente também não reconheceu a legitimidade do casamento lobolado. O governo, visando a superação dessa forma de união, passou a incentivar o casamento civil fundando o Palácio dos Casamentos, onde deveriam se realizar as cerimónias do matrimónio, assim como passou a apoiar realização de festas de casamentos colectivos.

Segundo o novo código legal do país, o casamento civil garantia alguns direitos para as mulheres em caso de divórcio, como a guarda dos filhos com pensão paga pelo marido, o que não era possível na lei consuetudinária nem mesmo nas sociedades matrilineares, em que as mulheres tinham a guarda filial assegurada, mas era um dever da mãe assumir, sem o apoio do ex-marido, a inteira responsabilidade pelas crianças (Santana, 2009:89). Por outro lado, observa-se que,

entre 1975 e 1985, o discurso da FRELIMO não diferia substancialmente das ideias veiculadas pela pequena burguesia negra e pela Igreja durante o período colonial. A prática do lobolo permanecia enraizada na concepção de compra e posse das mulheres pelos maridos, submetendo-as à exploração tanto em termos produtivos quanto reprodutivos. Às mulheres incumbia a responsabilidade de sustentar o lar, realizar os afazeres domésticos e prover mão-de-obra adicional.

Nesse contexto, a FRELIMO não reconhecia a legitimidade do casamento lobolado e buscava promover o casamento civil como alternativa. A instituição do Palácio dos Casamentos e o estímulo às celebrações nupciais coletivas refletiam esse esforço governamental em superar essa forma tradicional de união. O novo arcabouço legal do país conferia direitos às mulheres em casos de divórcio no âmbito do casamento civil, garantindo-lhes a guarda dos filhos com pensão alimentícia paga pelo ex-marido - um direito ausente nas práticas consuetudinárias e mesmo nas sociedades matrilineares.

No entanto, é evidente que mesmo sob vigilância e perseguição dos Grupos Dinamizadores (GDs), que ameaçavam encaminhar os envolvidos em práticas obscuras ao trabalho nas aldeias comunais ou machambas coletivas, o lobolo passou a ser praticado com intensidade (Santana, 2009:86).

3.1. Mudanças políticas no âmbito das tradições: lobolo

Após o término do período da guerra civil⁴ com a assinatura do acordo geral da Paz em 1992 e a realização das primeiras eleições multipartidárias em 1994, a FRELIMO emergiu vitoriosa, adotando como estratégia de campanha medidas que refletissem a retomada do poder por parte das autoridades tradicionais. Dessa forma, o retorno às tradições tornou-se não apenas uma estratégia política, mas também uma condição imposta pelos financiadores internacionais.

Esse reconhecimento das tradições moçambicanas suscita debates acerca da legalidade de diversas práticas, incluindo o ritual do lobolo. Por se tratar de uma forma de casamento que efetivamente une homens e mulheres, o lobolo possui implicações significativas na legislação matrimonial, uma vez que era uma realidade

⁴ A guerra civil durou entre 1977-1992 e envolvia a FRELIMO e a RENAMO.

social não prevista. É diante desses dilemas que surge a necessidade de enquadrar legalmente o lobolo (incorporado na Lei da Família) como uma forma de casamento tradicional (Taíbo, 2012:59).

Percebe-se que as mudanças políticas relacionadas às questões tradicionais, incluindo o lobolo, culminam em iniciativas de enquadramento legal (Lei de Família número 22/2019 de 11 de dezembro). Esse enquadramento legal destaca o reconhecimento do Lobolo somente se forem seguidos determinados procedimentos do casamento civil. Conforme os artigos 17 e 18 dessa lei:

- i. Casamento pode ser civil, religioso ou tradicional.
- ii. Casamento religioso e tradicional são regidos, quanto aos efeitos civis, pelas normas comuns dessa lei, salvo disposição em contrário.
- iii. Casamento religioso e tradicional produzem efeitos conforme previsto nessa lei ou em legislação específica, desde que devidamente registrado pelos serviços do registro civil conforme a lei.

Dessa forma, ao reconhecer o lobolo, a lei estabelece formas de valorização, definindo requisitos para seu registro. A partir da promulgação da Lei da Família em 2004 e posteriormente em 2019, a legitimidade do lobolo nas esferas legais é reconhecida, considerando a realidade sociocultural do país. Isso significa que o lobolo possui a mesma eficácia que o casamento civil. Contudo, para sua celebração e reconhecimento, é necessário que pelo menos um dos envolvidos possua capacidade matrimonial exigida pela lei civil. Essa capacidade é comprovada por meio do processo preliminar de publicações organizado nos órgãos do registro civil mediante requerimento dos nubentes ou dignitário religioso conforme a Lei de Registro (Rhuann, 2020:26).

Podemos concluir neste capítulo que apesar das condenações ao lobolo por parte do governo socialista e colonial por razões distintas, a prática do Lobolo resistiu e se expandiu para atender às pressões e inovações do meio social, incorporando diversos elementos. A análise desse capítulo revela o que foi

preservado nessa cerimônia e o que foi modificado diante das transformações políticas e sociais em Moçambique pós-colonização e independência.

Todos esses eventos evidenciam a resiliência das práticas tradicionais e particularmente do lobolo, assim como o fracasso das tentativas de reprimi-los. Na realidade, essas práticas continuam a existir e prosperar ao longo da história, pois fazem parte da cosmovisão das pessoas e desempenham uma função social específica na vida dos indivíduos e grupos (Honwana, 2002:184).

CAPÍTULO IV

Formas do lobolo em Maputo

4. Análise das formas do Lobolo na contemporaneidade

O Lobolo é um rito tradicional profundamente enraizado na região sul de Moçambique, onde a união matrimonial é celebrada através da troca de oferendas entre duas pessoas. Ao longo do tempo, o Lobolo tem evoluído e se reinventado, influenciado pelas interações sociais decorrentes dos processos socioeconômicos. Essa prática, que se tornou culturalmente difundida na sociedade moçambicana, assume uma variedade de formas dependendo das famílias envolvidas e da região do país, muitas vezes refletindo um conflito entre tradição, sincretismo religioso e valores ocidentais modernos.

O Lobolo vai além do aspecto amoroso, estabelecendo uma conexão intrínseca com o mundo dos antepassados dos noivos, onde há um contato direto e contínuo entre os vivos e os mortos. Através dessa ligação com os espíritos ancestrais e o cumprimento de suas exigências, busca-se fundamentar a harmonia social entre os noivos e fortalecer o laço social entre as famílias, abençoando e garantindo prosperidade à nova família que está por vir (Rhuann, 2018:124-125).

Durante o Lobolo da Elda, familiares, vizinhos e amigos se reuniram para celebrar a cerimônia ao longo de três dias consecutivos. As festividades incluíram a cerimônia na casa dos pais da Elda no bairro de Chamanculo C, seguida pela cerimônia civil no dia seguinte e o casamento religioso na Igreja Universal de Chamanculo no terceiro dia. Posteriormente, houve o xigiyane, outra festa de casamento organizada pela família do noivo na casa da Elda e Ernesto.

Na descrição da cerimônia do lobolo, Granjo cita o kupalha, o primeiro ritual da cerimônia destinado à invocação dos espíritos dos antepassados da linhagem, aos quais é dado o direito de aceitar ou não as oferendas do lobolo, o que implica protecção ou represália aos noivos (Granjo 2005). No contexto do Lobolo da Elda não houve Kuphalha ou invocação dos espíritos ancestrais para aceitação das oferendas do Lobolo, em vez disso, a família optou por uma forte oração direcionada

a Deus. Essa escolha representava um pedido por harmonia nas celebrações e resultados positivos.

É notável perceber que a consulta aos antepassados antes da cerimônia do Lobolo varia de família para família, evidenciando a diversidade de práticas e crenças presentes dentro dessa tradição ancestral.

O Senhor Severiano⁵ destaca que a consulta aos antepassados antes da cerimônia apresenta vantagens e desvantagens. Segundo ele, a invocação dos antepassados pode criar conflitos entre os vivos e os mortos. Por outro lado, essa prática pode influenciar na bênção dos noivos em seu novo lar.

É importante ressaltar que esta pesquisa tem como foco compreender as transformações práticas do Lobolo. Para a realização da cerimônia, é necessário estabelecer a produção de oferendas (os bens a serem entregues à família da noiva) como compensação. No Capítulo II, destacamos as mudanças práticas do Lobolo em relação à forma de pagamento ou compensação para a realização da cerimônia. Observamos que o pagamento varia de acordo com o contexto histórico vivenciado.

No contexto anticolonial, o pagamento era feito por meio de objectos como vime, esteiras, cestos e anéis de ferro conhecidos como "Nkarharha" e "Muvatwana" (esses anéis eram obtidos por meio de trocas locais com os marinheiros que visitavam a costa oriental de Moçambique) (Rhuann, 2020:264). Durante o período colonial, o pagamento era realizado com enxadas, além de gado e anéis. Actualmente, as enxadas foram deixadas de lado e o Lobolo passou a ser monetarizado.

Principalmente na cidade de Maputo, onde ocorreu a cerimônia da Elda, o pagamento é feito em dinheiro, gado, rapé, uma caixa de refresco, uma caixa de cerveja, uma garrafa de vinho tinto e branco, um fato para o pai da Elda contendo sapatos, chapéu e bengala; capulanas, lenço, blusa e um par de sapatos para a mãe da Elda; quatro capulanas e blusas para as tias e avós da Elda. Ver a imagem abaixo.

⁵ Ancião e pastor da igreja cião Casa de Deus

Figura 2: Os bens oferecidos pela família Jossefane a família Zandamela.



Luisa destaca sobre o significado do rapé e do vinho branco no rito tradicional. Segundo ela o rapé denominado "Mbuva a fambi" (união entre os vivos e seus antepassados) e o vinho branco servem para o ritual "kupalha" invocação dos antepassados, informando-os sobre realização do rito tradicional de forma que os mesmos abençoem os noivos. Segundo Rhuann (2020:06) o gado apresenta também o valor que a mulher tem para a família que exige e para o homem que estiver disposto a pagar. Para Mara Langa o gado também simboliza a união com os antepassados e revela sobre a questão da fertilidade da mulher.

No caso da família da noiva pedir sete (7) gados como compensação, dentre os sete gados deve existir machos e fêmeas. Se não houver nenhuma descendência

destes gados, significa que a noiva a ser lobolada não fará filhos e se houver significa que a noiva fará filhos [Mara Langa, de 60 anos de idade, entrevista feita nos algures de chamanculo "C", em 21/05/2024].

Tendo em conta essa perspectiva apresentamos a seguinte questão: no caso que os mesmos gados tenham uma descendência e a mulher lobolada não conceber, o que teria acontecido para mesma não conceber, uma vez que ja foi demonstrado, que futuramente, a mulher conceberia. Com esta questão podemos perceber que nem sempre há garantia de fertilidade da mulher através do gado. Consideremos o caso da anónimo que foi lobolada em 2015 e até hoje não consegue conceber:

"fui lobolada em 2015 porém até hoje não consigo conceber, não uso nenhum método, tentei de várias formas porém sem nenhum sucesso. Por esse motivo tenho sofrido hoje várias críticas tanto por parte da família do meu marido assim como por parte da sociedade. Mas não me arrependo de ter seguido o ritual, pois acredito que com tempo irei conceber. [Anónimo, entrevista feita nos algures de chamanculo "C", em 20/05/2024]."

Entretanto, a fertilidade da mulher depende do organismo de cada mulher e não do cumprimento do ritual. Destaca-se que a cerimônia culmina com a apresentação dos parentes de ambas as partes, momento em que os indivíduos são convocados a "reconhecer-se e respeitar-se". Após o encerramento das festividades, os convidados retornam aos seus lares, exceto a noiva, que se submete aos extensos conselhos de sua mãe e demais familiares mais velhos acerca da vida conjugal, suas normas, deveres, direitos e nuances.

Apenas no dia subsequente é conduzida à residência de seu esposo, conforme descrito por Taibo (2012:65). Efetivamente, tal cenário se desenrolou ao término da celebração do Lobolo da Elda. Consequentemente ao lobolo, o noivo ascende à posição de mukon'wana (genro), sucedendo-se o derradeiro estágio: xigiyane, durante o qual os pertences da noiva são transferidos por seus familiares ao novo lar (Rhuann, 2020:126). Evidencia-se que ao desfecho da cerimônia, o noivo é investido como mukon'wana (genro), iniciando-se o estágio final do "xigiyane".

No que tange ao procedimento do "xigiyane", Carolina Zandamela enfatiza e estabelece um paralelo com as oferendas ou presentes conduzidos pela família da noiva à nova morada dos recém-casados. Segundo a entrevistadora, na época colonial, os brindes destinados à habitação dos nubentes compreendiam malas de madeira, feixes de lenha, vassouras, mbengas, pilões, peneiras, panelas, almofadas, esteiras, ralos e baldes de água ou banho [Carolina Zandamela, entrevista realizada em determinado local de Chamanculo "C", em 20/04/2024]; contemporaneamente observa-se que alguns desses artefatos são relegados, especialmente na cidade de Maputo, especificamente no bairro de Polana Caniço, onde se consumou o xigiyane da Elda. Os pertences transportados para a inauguração do lar do casal compreendem micro-ondas, peneiras, pilões, malas e vassouras entre outros bens.

De toda maneira, apesar das idiossincrasias observadas, o Lobolo da Elda evidencia um carácter dinâmico. Ilustra que, não obstante os preconceitos e descontinuidades com os quais o Lobolo defrontou-se desde o século XIX até os dias atuais, a prática do Lobolo subsiste relevante e ininterrupta em Moçambique na tessitura social, cultural e "na configuração da identidade feminina" (Bagnol, 2008:33).

4.1. O Lobolo do Cadáver no Âmbito da Sociedade

No que refere às representações sociais sobre o lobolo de cadáver, os entrevistados consideram que se trata de um lobolo em que o homem tem que pagar, oferecer bens aos pais da mulher já morta, com vista a proteger os filhos do casal e das gerações vindouras dos maus espíritos e de outros problemas sociais como falta de emprego e azar. A fenomenologia que é o quadro teórico usado neste estudo nos ajuda a perceber que o significado subjectivo que a prática do lobolo de cadáver tem para os actores sociais, é culturalmente codificado e é em função deste significado que os actores sociais orientam o seu agir no seu quotidiano.

Este conhecimento ou sentido partilhado do lobolo de cadáver segundo a nossa constatação, é baseado em experiências exteriores a eles, isto é, nasceram e encontraram este tipo de interpretações no seu meio social, pois as

significações socialmente objectivadas se fundam na subjectividade. Aliás, segundo (Shutz apud Wagner, 1979), o mundo da vida quotidiana, significará o mundo intersubjectivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. Agora se dá a nossa experiencia e interpretação e toda a interpretação do mundo se baseia num estoque de experiencias anteriores aos actores sociais.

Em relação ao nível de participação dos cidadãos nesta prática, constatamos que a maioria deles já presenciou a cerimónia do lobolo de cadáver e os poucos que ainda não presenciaram afirmaram que já havia sido realizada uma cerimónia igual na sua família e outros ainda afirmaram que tinham conhecimento do assunto uma vez que durante o processo da sua socialização foram transmitidos valores com vista a defesa dos princípios do lobolo tanto em vida e na morte. Quase metade dos entrevistados afirmou que participou na realização de uma cerimónia de lobolo de cadáver pelo facto de algum parente ter sido exigido a sua realização e esta prática tem um carácter fechado, isto é, envolve apenas os membros das duas famílias em causa.

Quanto à ocasião e à forma em que se realiza o lobolo de cadáver, afirma-se que só se realiza esta cerimónia em caso de morte da mulher, numa situação em que residiu com o marido sem ter realizado o lobolo, que inclui o ritual de "Xiguiane", que representa a transferência da noiva, da sua família para a família do marido. Entretanto, o lobolo de cadáver só acontece quando a família da mulher exige, não sendo portanto de carácter voluntário.

Em muitas ocasiões quando a mulher morre em casa do marido sem ter sido lobolada, a família não reconhece a sua morte, sendo que para que haja reconhecimento exige-se que o marido lobole o cadáver da esposa. Quando a sociedade afirma, "isso aconteceu porque o meu filho teve relações amorosas com a esposa, sem ter se apresentado e lobolado, então assim que ela faleceu disseram que ele devia lobolar." e, afirma-se e acrescenta ainda que "Quando o homem não lobolou a mulher ainda em vida, enquanto tiver filhos com ela, exige-se dinheiro e vestes para a falecida, roupa para os pais, tudo aquilo que se exige no lobolo normal".

A forma de realizar o lobolo de cadáver não difere tanto do lobolo que

envolve pessoas vivas, pois é necessário reunir todos requisitos que geralmente se pede no lobolo, nomeadamente: dinheiro, roupas para os pais, avós, tias, bebidas e refrescos. “Levamos os bens e dinheiro do lobolo, depois de uma semana deram-nos uma menina de 14 anos como esposa daquele homem. Ai, tens que cumprir com todos requisitos, desde a garrafa de bebida para o Kupalha, fatos etc.”

O que diferencia este lobolo do outro tipo (de pessoas vivas) é que no de cadáver a família da mulher apenas recebe os bens e o dinheiro do lobolo, não havendo espaço para cânticos que demonstrem felicidade uma vez que ambas partes consideram que perderam um familiar. Em termos das racionalidades que podem estar por detrás da exigência do lobolo de cadáver, alguns actores sociais defendem que a prática é exigida para suprir algumas dificuldades financeiras que a família da mulher estiver a enfrentar no momento da morte da mulher, como mostra o discurso do da auscultação publica: “Certas famílias para enfrentar dificuldades financeiras ou actuais acham que talvez exigindo lobolo, porque um familiar morreu, podem estar bem pelo menos uma ou duas semanas”.

Por outro lado uma esmagadora maioria acredita que o lobolo é uma tradição que deve ser cumprida, uma vez que ela estabelece os mecanismos para que as raparigas saíam da casa dos pais e constituir uma nova família com o marido, como refere o entrevistado Severiano este lobolo existe porque é uma tradição nossa como africanos. Se não fizermos isso podemos ter problemas no futuro porque a falecida manifesta-se. Temos que respeitar a tradição dos nossos antepassados.

isto insere-se no ritual do lobolo, está previsto nas nossas normas sociais que tem que haver lobolo se não em vida então na morte pois não há caducidade do lobolo.

A maioria dos entrevistados considera que a prática do lobolo de cadáver na cidade de Maputo, tem a ver com motivos tradicionais do que financeiros. Esta explicação tem uma ligação com o que Schutz chamou de situação biográfica determinada, pois no seu entender todo momento da vida de um homem, é a situação biográfica determinada em que ele se encontra, isto é, o ambiente físico e sócio cultural do qual ele tem uma posição, que não se limita no espaço físico,

temporal ou de status e papel dentro do sistema social mas também a sua posição moral e ideológica.

A defesa da realização do lobolo de cadáver, como algo tradicional neste contexto é definida pela situação biográfica dos indivíduos, isto significa que ele tem a sua história ou é a combinação de todas experiências anteriores desses indivíduos que orienta a sua interpretação e a sua acção pois na tradição, o passado orienta o presente através de crenças e sentimentos colectivos como refere Giddens (2000)⁶. E no seu entender, afirma que as tradições são necessárias, e persistirão sempre, porque dão continuidade e forma a vida, para além de que elas têm os seus guardiães, feiticeiros, sacerdotes e sábios que conquistam a sua posição e poder graças ao facto de serem os únicos capazes de interpretar a verdade ritual da tradição.

O facto de a tradição do lobolo antecipado, não ser obedecida pelas pessoas contribui para que o número de casos do lobolo de cadáver cresça. As mudanças que se operaram na forma como as mulheres vão ao lar actualmente, fazem com que não haja lobolo (de pessoas vivas), criando espaço para a existência do lobolo de cadáver. Segundo os entrevistados, hoje verifica-se muito a prática do Ku ti Tluva (juntar-se a um homem ou mulher sem a observância dos procedimentos tradicionais, como é o caso da apresentação e do lobolo), o que agudiza os casos de exigência do lobolo de cadáver na medida em que os indivíduos que o exigem, foram orientados com base nos preceitos que defendem a realização da tradição do lobolo de cadáver, isto é, eles crescem a saber que uma mulher deve ser lobolada.

A continuidade do lobolo de cadáver nos dias de hoje, explica-se pelo facto de existir uma necessidade de a família da mulher tomar conhecimento do local e da pessoa com quem vivia a sua filha com vista a permitir que o homem seja devidamente recebido, em caso de precisar de resolver algum problema ou mesmo visitar os filhos. Aliado a isso, está o facto de os pais da mulher não acreditarem na morte da filha, quando ela perde a vida em casa de um homem que não a lobolou. Assim para acreditarem que ela morreu o marido deve lobolar o

⁶ Giddens, Anthony. Tradição. In: O mundo em descontrolo: O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000. Pp.47-60

cadáver da esposa.

Neste estudo também constatamos que as representações sociais que os indivíduos têm sobre o lobolo de cadáver, como uma prática inserida na sua tradição, contribuem no exercício da mesma no seu quotidiano, isto é, o agir das famílias que exigem o lobolo de cadáver é orientado pelo significado que eles atribuem a esta prática. Já no que se refere as motivações que levam o noivo a não realizar o lobolo, mesmo sabendo que um dia será exigido coercivamente, os entrevistados consideram que por vezes não é por falta de vontade, mas sim de condições financeiras e o facto de os familiares da mulher dificultarem o processo, como afirmam os entrevistados:

(...) Não é que ele não faz por falta de vontade, as vezes é devido a falta de condições ou mesmo as próprias famílias criam barreiras (...)

O estudo também constatou que esta prática tem sido caracterizada por conflitos que surgem devido ao valor cobrado e pelo facto de uma das famílias não partilhar a tradição de lobolo ou mesmo estar filiada a uma religião em que os seus crentes não devem se envolver em assuntos como lobolo de cadáver. Aliás como defende a fenomenologia, o conhecimento do homem que age e pensa dentro do mundo da vida não é homogéneo, não está livre de contradições, daí que surgem conflitos. A fenomenologia, considera que o significado que acção possui para o actor, pode não ser o mesmo que essa mesma acção tem para quem se dirige.

Para além disso Shutz apud Crespi (1997), sublinha a importância da dimensão cultural do agir, isto é, o significado duma acção pode variar, conforme a referência dos indivíduos dos quais possui a experiência directa no meu ambiente social actual mas também para o indivíduo que realiza a acção, ela pode ter um significado diverso: antes de realizar (como projecto); enquanto a coloca em acto (como vivência) e depois de a acção ser realizada, isto é como memória.

4.1.1. Lobolo de Cadáver e Razões da sua Exigência

O desconhecimento do marido da defunta como alguém com legitimidade

para informar a família da mulher sobre o seu falecimento, devido ao facto de não ter lobolado tem sido uma das alegações dadas para que se exija o lobolo de cadáver: exige-se o lobolo porque o genro não é conhecido. É como se o homem tivesse sequestrado a filha da sua família.

O bem-estar dos filhos, da família da mulher falecida e a crença de que o lobolo é uma tradição já prevista nas normas sociais, são outras alegações que têm sido levantadas para a continuação da prática do lobolo de cadáver na cidade de Maputo. Este facto encontra uma ligação na fenomenologia de Shutz apud Wagner (1979), na medida em que, ela considera que o mundo da vida quotidiana, significará, o mundo intersubjectivo que existia muito antes do nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado.

A interpretação que os actores sociais fazem do lobolo de cadáver se baseia num estoque de experiências anteriores a eles, pois segundo Shutz apud Wagner (1979), as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais na forma de “conhecimento mão”, funcionam como código de referência. Isto mostra o papel que a socialização desempenha na transmissão dos valores do lobolo, o que resulta na orientação do agir ou da acção dos indivíduos que na vida quotidiana exigem a realização do lobolo de cadáver na cidade de Maputo.

Como fizemos referência nas páginas anteriores, os valores culturais que defendem a prática do lobolo, transmitidos durante a socialização dos indivíduos orientam a realização do lobolo de cadáver. A partir da apresentação e discussão dos resultados de campo, a hipótese é confirmada na medida em que os indivíduos realizam o lobolo de cadáver porque o consideram uma tradição que deve ser cumprida com vista a garantir a protecção dos filhos do casal dos maus espíritos e outros males sociais, que podem resultar da falta do exercício desta prática.

Este significado que eles atribuem ao lobolo de cadáver é segundo os entrevistados, resultado de uma aprendizagem, onde eles são ensinados que uma mulher deve ser lobolada, mas também há uma explicação adicional, cuja motivação da exigência e sua realização nos parece uma punição do viúvo pelo facto de não ter realizado o lobolo da mulher ainda em vida, uma vez que a família da defunta diz não reconhecer ou acreditar que a filha perdeu a vida, porque não sabia do seu paradeiro

e com quem ela vivia, razão pela qual o viúvo ou os seus parentes, quando vão informar a família da defunta sobre o sucedido, é lhes exigido o lobolo de cadáver, em muitas ocasiões condicionando o funeral, cobrando dinheiro e transladação do corpo à terra natal.

Os resultados desta pesquisa nos levam a concordar com Bagnol (2008), quando refere que o lobolo permite estabelecer uma comunicação entre os vivos e os seus antepassados e o restabelecimento da harmonia social, inscrevendo o indivíduo numa rede de relações de parentesco e de aliança tanto com os vivos como com os mortos. Consideramos ainda que apesar de esta prática ser moralmente condenada, ela vai persistir na comunidade na medida em que ela é considerada pelas famílias que a exigem, uma tradição. A tradição é caracterizada pela repetição ou reprodução quase de forma obrigatória do conhecimento transmitido durante a socialização primária dos actores sociais, pois as experiências anteriores, imbuídas de significado estruturam a acção dos indivíduos no quotidiano.

CAPÍTULO V

5. Considerações Finais

Ao analisar a evolução do lobolo no sul de Moçambique, com enfoque no estudo de caso da cidade de Maputo desde o século XIX até a atualidade, é possível perceber a riqueza e complexidade das transformações sociais e culturais que envolvem essa prática tradicional. Ao longo dos anos, o lobolo passou por significativas mudanças, refletindo não apenas as dinâmicas internas da sociedade

moçambicana, mas também influências externas como a colonização, urbanização e globalização.

No século XIX, o lobolo poderia ser visto como um importante pilar das relações familiares e comunitárias, com rituais e significados bem estabelecidos. Contudo, com o passar do tempo, especialmente durante os períodos colonial e pós-independência, observou-se uma reconfiguração nas práticas e significados associados ao lobolo, em resposta a novas realidades socioeconômicas e culturais.

Na contemporaneidade, em meio à urbanização acelerada e às transformações globais, o lobolo pode representar não apenas uma questão cultural e afetiva, mas também um espaço de negociação de poder, identidade e gênero. A análise da evolução do lobolo em Maputo revela a necessidade de compreender essa prática não como estática, mas sim como dinâmica e em constante diálogo com as mudanças do contexto social mais amplo. Assim, o estudo desse tema permite não apenas reconhecer a importância do lobolo na construção da identidade moçambicana, mas também refletir sobre as complexidades e desafios que permeiam as relações familiares e de gênero na sociedade contemporânea.

O lobolo é considerado um elemento "extinto, etnológico, valorizando o modelo ancestral de organização da sociedade" (Taibo, 2012), que, apesar de ter enfrentado rupturas decorrentes da colonização e posteriormente do período da Frelimo, ainda mantém suas continuidades no sul de Moçambique, especialmente em Maputo. As continuidades e rupturas associadas ao Lobolo refletem as complexas transformações experimentadas pelo país durante esse período crucial de sua história.

Ao longo deste estudo, foram discutidas diferentes concepções sobre a definição do Lobolo, ressaltando que o lobolo, enquanto um rito tradicional praticado na região sul de Moçambique, no qual há uma ligação conjugal por meio da troca de oferendas para unir duas pessoas, não pode ser interpretado como um "preço da mulher" ou como uma "compra ou venda da mulher". A própria palavra representa simbolicamente o amor, o afeto e os planos que o noivo tem em relação à noiva. Portanto, o seu abandono significaria uma quebra com o passado, uma ignorância em relação à nossa história, uma perda de identidade cultural, sendo que a sociedade não deseja trair sua história e seus antepassados, pois ainda depende

dessas tradições no presente (Granjo, 2005).

As transformações políticas, econômicas, sociais, culturais e legais relacionadas à evolução do lobolo contribuíram para a centralidade do Lobolo nas dinâmicas matrimoniais como um instrumento para a resolução de questões espirituais, a busca pela harmonia social entre os vivos e os antepassados e a inserção do indivíduo em redes de parentesco que fazem parte de sua identidade social.

CAPÍTULO VI

6. Referências Bibliográficas

- ✓ AGY, Aleia et Al. Movimentos migratórios para áreas de concentração de grandes projectos. Maputo: UEM, 2018
- ✓ BAGNOL, Brigitte. " Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique", Análise Social, Lisboa, vol. XLIII (2º), 2008, p.270. disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218639358j7rHJ9xd4VI53NC9.pdf>
- ✓ BAGNOL, Brigitte. Gender, Self, Multiple Identities, Violence and Magical Interpretations in Lovolo Practices in Southern Mozambique. Thesis for Ph.D. Degree in Social Anthropology. Department of Social Anthropology, University of Cape Town, Cape Town. 2005
- ✓ Brown, Radcliffe (Sd). Estruturas e função nas sociedades primitivas. Lisboa: edição 70
- ✓ Chiziane, Paulina. O sétimo juramento. Lisboa: Caminho. 2000
- ✓ Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas. Gerhardt, T. E. 2008
- ✓ GRANJO, Paulo. " O lobolo do meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais.", Travessias: Revista de ciências sociais e humanas em língua portuguesa, Rio de Janeiro, vol. 4/5,2004, p.47-78. Disponível em: <https://www.ics.ulisboa.pt/file/4403/download?token=wNZa2MtD>
- ✓ HONWANA, Alcinda Manuel. Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique. Maputo: Promédia, 2002.
- ✓ JUNOD, Henri. Usos e Costumes dos Bantu. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo,1974
- ✓ MATE, Camilo Brígida António. Percepções e representações do lobolo entre jovens da IURD: Estudo de caso de magoanine C. Maputo, 2014
- ✓ Marconi, M. A & Lakatos E. M. Fundamentos da Metodologia Científica. São

Paulo:Editora Atlas. 2010

- ✓ PINHO, Osmundo. A Antropologia na Africa e o Lobolo no sul de Moçambique. Brasil: Universidade Federal da Bahia. 2011, pp 22-23. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/770/77021122001.pdf>
- ✓ RADCLIFFE-BROWN, A.R. & FORDE, D. (1982). Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª ed.
- ✓ RHUANN, Fernandes. Casamento Tradicional Bantu. Lobolo no sul de Moçambique. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020
- ✓ RHUANN, Fernandes. O Lobolo e suas narrativas: implicações históricas e sociais de um ritual vivo. Brazil: UNILAB, v.7 n.3, 2020
- ✓ SANTANA, J. Mulheres de Moçambique na revista tempo: o debate sobre o lobolo. Revista de História, v.1, n2, pp 82-98, 2009. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/view/9417/6275>
- ✓ SCHUTZ, Alfred. A fenomenologia. In: WAGNER, Helmut R. (Org). fenomenologia e Relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979
- ✓ _SENGULANE, Hipólito. História das instituições de poder político em Moçambique. Maputo: Alcance Editores, 2015.
- ✓ SILVA, Aline B. M. Lobolar, casar e presentear: notas sobre o Lobolo em Moçambique. 2022. Disponível em <http://orcid.org/0000-0002-10876271>
- ✓ SOUSA, Ana Maria & SILVEIRA R. Virgem margarida: do sublime ao trágico. Rio de Janeiro: UFR, v9, n.17. p. 125. 2017.
Disponível em <https://doi.org/10.35520/mulemba.2017.v9n17a14603>
- ✓ TAÍBO, R. M. Lobolo (s) no Moçambique contemporâneo: mudança social, espíritos e experiencias de união conjugal na cidade de Maputo. Dissertação, 2012

6.1. Documentos primários

- ✓ TEMPO. “Lobolo: comercializando meninas a preço de banana”. Revista Tempo, n. 228, p. 03,09 de Novembro de 1975.
- ✓ TEMPO. “Preparar a geração para o socialismo com uma nova mentalidade, Samora Machel”. Revista Tempo, n. 552, p. 18-32, 10 de Maio de 1981.

6.2. Anexos

6.2.1. Pessoas entrevistadas

Nome do entrevistado	Idade	Situação conjugal	Função
Carolina zandamela	67 anos	Fez Lobolo e vive de forma conjugal	Membro de OMM
Severiano Pale	68 anos	Fez Lobolo e vive de forma conjugal	Pastor da igreja Cião casa de Deus
Luísa Elias zandamela	56 anos	Não fez Lobolo e vive de forma conjugal	Membro de OMM
Anónimo	47anos	Não fez Lobolo e vive de forma conjugal	Membro de OJM (organização de juventude em Moçambique)
Mara Langa	60 anos	Fez Lobolo e vive de forma conjugal	Anciã
Francisco Tivana	32 anos	Não fez o lobolo e não vive de forma	Membro da Polícia da República de Moçambique (PRM)

		conjugal	
Sheila dos Santos	26 anos	Fez lobolo e vive de forma conjugal	Funcionaria do Estado
Elda Jossefane	43 anos	Fez lobolo e vive de forma conjugal	Membro de OMM

